PRÁTICAS CURRICULARES NA EJA COMO UM EXERCÍCIO DE FORMAÇÃO IMPLICADA COM A MATEMÁTICA COMO UM DIREITO

Eliete Maria da Silva Freitas [1]
Mariana Cassab Torres[2]

RESUMO

Este resumo se caracteriza por uma apresentação síntese do trabalho de uma experiência pedagógica desenvolvida no contexto das aulas de matemática, segundo segmento do Fundamental com alunos da EJA. Proposta de trabalhar a temática " Identidade". Uma sequência didática sugerida pela coordenação pedagógica desenvolvida por todos os professores da escola aliado no currículo praticado a avaliação diagnóstica, a contextualização, o trabalho coletivo e apropriação dos saberes matemáticos.

Palavras-chave: EJA; Educação matemática; Currículo;

INTRODUÇÃO

Não é incomum que o percurso de formação inicial das educadoras matemáticas que atuam na Educação de Jovens e Adultos seja marcado pelo silêncio em relação à modalidade. Isso significa que a formação em serviço que acontece na escola é o campo de experimentação para que práticas sintonizadas com as especificidades dos sujeitos da EJA sejam ensaiadas entre tropeços, descobertas e invenções insurgentes, que se recusam a tratar os saberes matemáticos de forma descontextualizada da vida dos seus educandos. Nessa linha, este relato tem como finalidade compartilhar uma experiência pedagógica desenvolvida no contexto das aulas de matemática na EJA, desenvolvidas no segundo segmento do fundamental em uma escola pública do município de Juiz de Fora. A partir da proposta de trabalhar a temática "Identidade", feita pela coordenação pedagógica a

[1]Professora da Rede Municipal de Juiz de Fora – MG; Especialista em Matemática - Universidade do Grande Rio – RJ; elietemsfreitas@gmail.com
[2] Professora Mariana Cassab Torres, Professora da Faculdade de Educação – Universidade Federal de Juiz de Fora - MG - Coordenadora do Grupo de Pesquisa, Práticas e Estudo da Educação de Jovens e Adultos – PPGE/FACED –UFJF - MG; mariacassab@yahoo.com.br;

todos os professores da escola, buscou-se construir uma sequência didática em que educadora e educandos fossem desafiados a aliar no currículo praticado a avaliação diagnóstica, a contextualização, o trabalho coletivo e a apropriação dos saberes matemáticos. Se o tempo da formação inicial centraliza o debate em torno dos saberes matemáticos *per se*, na formação permanente que se dá na EJA, o encontro estabelecido entre educadora-saber-educando tensiona o currículo prescrito e questiona a identidade aulista da professora que não focaliza sua ação pedagógica no aluno.

EM BUSCA DA ARTICULAÇÃO TEORIA-PRÁTICA

Toda prática pedagógica que acontece na escola é consubstanciada por perspectivas teóricas que orientam a ação (FREIRE, 1997). Uma assunção que contraria algo que escutamos em inúmeros momentos de nossos percursos formativos e profissionais na docência: "a teoria é bem diferente do que acontece na prática do chão da escola". Nesse sentido, tenho procurado ao longo de meu exercício como educadora matemática na EJA indagar-me acerca das observações e análises que faço de minha prática ao perceber em muitos momentos o "desinteresse" e as dificuldades dos alunos pelos assuntos matemáticos e as exigências que envolve selecionar os conhecimentos e as metodologias de forma a enfrentar esse cenário. Nesse movimento com Freire aprendo que: "[...] se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele" (FREIRE, 1997, p.135). Essa é uma aprendizagem complexa que me provoca a preencher o tempo e o espaço da aula com a palavra autêntica dos educandos, isto é, exige-me aprender a ouvir ao invés de fazer comunicados matemáticos esvaziados de significação. Já com Arroyo (2017), aprendo que o conhecimento da história da EJA e, especialmente, da história de vida dos educandos, em suas diferenças e ao mesmo tempo similaridades de espoliação de direitos e exploração, são essenciais para se produzir currículos mais sensíveis, abertos ao diálogo e, portanto, humanizantes. Por fim, em Ubiratan D'Ambrósio (2012, p.27) passo a entender que "a história da matemática é um elemento fundamental para perceber como teorias e práticas foram criadas, desenvolvidas e utilizadas num contexto específico de sua época". Assim, busco em minha prática estabelecer relações entre a matemática e

os saberes e experiências dos educandos, assinalando, sobretudo, a importância do letramento matemático para o pleno desenvolvimento de nossa vida pessoal, profissional e cidadã. É nessa direção que se estrutura o relato da experiência didática que se segue.

A MATEMÁTICA NA ANÁLISE DE QUEM SOMOS

A experiência que relato se desenvolveu em oito aulas de matemática da Fase VIII em uma turma da EJA da Escola Municipal CAIC Prof.ª Núbia Pereira de Magalhães Gomes, situada em uma região periférica da cidade de Juiz de Fora. Buscando caminhos para tratar da temática identidade proposta pela coordenação, conhecer melhor meus educandos e favorecer a apropriação dos conhecimentos escolares em matemática, escolhi trabalhar com o questionário como dispositivo pedagógico. O questionário estruturou-se a partir da elaboração de treze perguntas dissertativas e objetivas que forneciam informações como idade, motivos que o levaram a deixar de estudar na idade esperada, as razões para o retorno aos bancos escolares e como entendem serem vistos pela sociedade depois que ingressaram na EJA.

Doze educandos responderam o questionário e participaram integralmente das atividades que se desdobraram. Na etapa de aplicação do questionário foi trabalhado com os educandos a importância de fornecer informações condizentes ao real e como exemplo foi mencionado o Censo Demográfico realizado pelo IBGE. Para o trabalho de tratamento dos dados, o questionário foi dividido em três blocos: (i) dados pessoais dos educandos; (ii) questões relacionadas à sua escolarização e (iii) autoavaliação. A turma foi dividida em três grupos, cada um se responsabilizou pela análise de um dos blocos supracitados e a criação de gráficos. Nessa etapa, consubstanciado pela proposta curricular do município de JF (2020), a análise do questionário institui-se como uma situação-problema que envolveu a produção das porcentagens obtidas nas respostas, contribuindo para a interpretação e utilização do símbolo % em uma situação contextualizada. Na construção dos gráficos foram problematizados a interpretação das variáveis que os compõem, suas frequências e os elementos constitutivos centrais na produção de um gráfico, como título, eixos, legendas, fontes e data. A partir desse trabalho, foram discutidos exemplos de situações em que os gráficos e os cálculos de porcentagem estão presentes em nosso

cotidiano. Em seguida, coube a cada grupo produzir um texto que sintetizasse os resultados obtidos na análise. Assim, além de favorecer a apropriação dos conhecimentos matemáticos também se buscou trabalhar com o desenvolvimento de sua expressão escrita.

Na última etapa da sequência didática, procurou-se valorizar a oralidade através da apresentação do trabalho desenvolvido. Cada grupo foi convidado a apresentar para toda turma seu gráfico e o texto da resenha produzido. Nesse momento, perceber que os motivos que os levam a abandonar a escola são comuns à trajetória da maioria, fortaleceu o sentido de grupo e a consciência das situações de exploração e dominação que vivem, sejam associadas ao mundo do trabalho, sejam em função de fatores relacionados à questão de gênero e de raça. Na turma formada fundamentalmente por jovens, ficou evidente o desejo de quase a totalidade em dar continuidade aos estudos e a importância que o ingresso na EJA assume para esse projeto, inclusive no que tange à valorização de sua autoestima e o enfrentamento da visão que a sociedade produz sobre os educandos pobres, periféricos e, em sua maioria, negros que frequentam a modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o tema “Identidade” foi muito desafiadora, enriquecedora e inovadora. Da indagação inicial de como uma professora de matemática poderia enfrentar o desafio de desenvolver suas aulas a partir dessa provocativa, desdobrou-se uma série de ações em que os saberes matemáticos, o saber de si e do outro, o trabalho de equipe foi articulado de modo a produzir novas formas de ensinar e aprender matemática. Do protagonismo que os educandos assumiram durante as atividades propostas, observei que os alunos ficaram mais empolgados e participativos. Ouvir os alunos, conhecer melhor suas histórias de vidas também contribuíram para dar sentido, contextualizar e provocar a aprendizagem da matemática. Em suma, os educandos que estão na EJA apresentam trajetórias truncadas em suas experiências escolares prévias. Se quisermos garantir seu direito à educação, é necessário renovar as práticas pedagógicas, afirmando nosso compromisso ético e político de lutar para a produção de currículos que dialoguem com

seus saberes de experiência feito e que proporcionem a ampliação de suas leituras de si e de mundo (FREIRE, 1987). A matemática deve ser tratada como um direito e não com um dispositivo a serviço da exclusão educacional e social.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel González. **Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA:** itineário pelo direito uma vida justa - Petropólis, RJ, Vozes, 2017

Secretaria de Educação de Juiz de Fora. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora - Educação de Jovens e Adultos**, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 17º Edição

_____ Paulo. **Pedagogia a Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1997, 3a Edição

D"AMBROSIO, Ubiratan – **Educação Matemática da Teoria à Prática**. Papirus Editora, 23ª Edição – 2012